

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO NA AMÉRICA LATINA
PROFESSOR: NORBERTO FERRERAS
ALUNO: EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

COB: CENTRAL OPERÁRIA BOLIVIANA

O que diferencia a COB de qualquer outra central sindical clássica é o fato de que, para além dos operários, aglutina – desde a sua fundação - também outros interesses populares não propriamente ligados ao mundo do trabalho. Moradores, estudantes, intelectuais bolivianos, desempregados encontram na COB uma via política para canalizarem seus descontentamentos e suas reivindicações.

Explicar o processo histórico que deu forma a tal prática, quer dizer, como a COB converteu-se rapidamente numa espécie de central de amplos movimentos populares seria uma das coisas mais importantes a se fazer no momento, o que exige estudo aprofundado, e as razões dessa afirmativa serão explicadas adiante. Compreender as circunstâncias, as determinações impostas pela realidade boliviana, as “condições objetivas e subjetivas” que dariam forma a esta novidade política, tirar daí as lições que possam ser aplicadas em outras partes do mundo capitalista, eis aí a grande questão.

O interesse aqui não reside em buscar fórmulas políticas mais gerais que permitam fazer com que o movimento sindical latino-americano converta-se em movimento popular, incluído neste “popular” o povo pobre, os setores subalternos e marginalizados de nossas sociedades. Podia muito bem ser o contrário. A grande questão não é essa. O fato político importante da experiência da COB é que o povo boliviano conseguiu - e tem conseguido - travar suas lutas por melhores dias com uma unidade de dar inveja.

Mas o que quero dizer com a palavra “unidade”? Quero dizer que, por exemplo, no Brasil, os sindicatos mais combativos travam suas lutas contra o patronato e o governo portando reivindicações específicas, limitadas a horizontes, digamos, econômicos (melhores salários, melhores condições de trabalho, etc.). Um aposentado não vê numa greve dos bancários, por exemplo, algo que lhe diga respeito, embora muitas das reivindicações incluam melhorias no atendimento como a ampliação dos horários de funcionamento dos bancos (o que combateria o desemprego com a abertura de novos postos de trabalho), além de tantas outras reivindicações que deveriam mobilizar boa parte do povo pela simples razão de que os bancos estão presentes, de uma forma ou de outra, na vida de todos. Por outro lado, os sindicalistas bancários, quando se organizam para novas campanhas salariais, não se dão conta da importância de uma política sindical que busque a aprovação (hegemonia?...) e a mobilização/participação de amplos setores que muito bem poderiam contribuir – até mesmo nos piquetes em frente às agências bancárias – para a vitória, não somente dos bancários, mas de todo o povo, que sabe muito bem que os bancos são hoje os que mais lucram com a miséria popular. Não há **unidade** do povo brasileiro na ação contra os bancos. Os bancários enfrentam o dragão e são derrotados, como são derrotados todos os setores que – isoladamente – tentam ao menos limitar a ganância de lucros do sistema financeiro.

É aqui onde reside o grande mérito dos movimentos puxados pela COB: quase todo o povo participa, de tal forma que as reivindicações “econômicas” evoluem quase que naturalmente para uma forma política de protesto, quer dizer, a luta econômica converte-se em luta econômica e política. Não apenas aumento de salários mas nacionalização da indústria petrolífera, por exemplo. As reivindicações atingem o patronato e o Estado, de tal forma que para as elites não há para onde se esconder.

A EXPERIÊNCIA HISTÓRIA DA COB

Quando falamos de movimento operário na Bolívia devemos pensar sobretudo em mineiros com fortes sentimentos de classe.¹ Na Bolívia, os proprietários das minas eram os membros mais importantes da oligarquia, que enfrenta, como quase toda a América Latina, a crise de hegemonia dos anos 1930.²

Em 1936 é fundada a Confederación Sindical de Trabajadores Bolivianos (CSTB), a organização operária mais importante até a formação da COB durante a revolução de 1952.³ Nesse ínterim, várias greves foram decretadas pelos mineiros sendo algumas sangrentamente reprimidas. As relações entre patrões e empregados na Bolívia sempre foram violentas.

Basicamente, os militantes do movimento operário estavam distribuídos no MNR (Movimento Nacional Revolucionário), reformista, corporativista, nacionalista e de caráter burguês, e no POR (Partido Obrero Revolucionário), trotskista.

Em junho de 1944, é fundada a Federación Sindical de Trabajadores Mineros de Bolivia (FSTMB), num congresso nas minas de Huanuni. As condições de vida do proletariado boliviano são as piores possíveis. As greves se sucedem e com elas a repressão brutal.

Em novembro de 1946, no Congresso de Pulacayo da FSTMB, os mineiros aprovam as *Teses de Pulacayo*, um programa revolucionário para todo o povo boliviano.

¹ “(...) es probable que el aislamiento espacial de las comunidades mineras y la agregación de gran número de hombres (frecuentemente jóvenes [a silicose, doença provocada pela inalação de areia em grãos finíssimos, que vão se acumulando nos pulmões degradando-os até a morte, baixava a expectativa de vida dos mineiros]) formando una masa compacta y relativamente homogénea produjeran un nivel alto de identidad <<de clase>>.” *LA CLASE TRABAJADORA URBANA Y EL MOVIMIENTO OBRERO EN AMÉRICA LATINA DESDE 1930*. IN: BETHELL, Leslie (org.), *HISTÓRIA DE AMÉRICA LATINA*, Ed. CRÍTICA, Barcelona, 1991, p. 135.

² Logo após a guerra do Chaco, entre Bolívia e Paraguai (1932), assume a presidência da Bolívia o coronel Davi Toro, declarando-se chefe de uma revolução militar e socialista. Decreta, bem ao estilo nacional-estatista do período, a criação do Ministério do Trabalho (corporativismo de estilo fascista), a sindicalização obrigatória, concessão de direitos civis para as mulheres e a fundação da Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos, uma empresa estatal de exploração de petróleo, cassando a concessão da Standard Oil. FILHO, Omar de Barros, *BOLÍVIA: VOCAÇÃO E DESTINO*, editora Versus, São Paulo, 1980, p. 22.

Repúdio à colaboração de classes, luta contra a burguesia, os latifundiários, o imperialismo e o fascismo. “(...) 3. *Ocupação das minas (...). Os Comitês de Minas deverão decidir os destinos da mina e dos operários que trabalham na produção (...). Para rechaçar o boicote patronal, ocupem as minas! (...)* 6. *Controle operário das minas (...). Os operários devem controlar a direção técnica da exploração, os livros de contabilidade, intervir na designação de empregados técnicos e sobretudo devem interessar-se em publicar os lucros (...) e as fraudes que realizam quando se trata de pagar impostos (...).* 7. *Armamento dos trabalhadores (...). Se queremos evitar que o massacre de Catavi se repita, temos que armar os trabalhadores (...).*⁴ *De onde tirar armas? O fundamental é ensinar aos trabalhadores de base que devem armar-se contra a burguesia armada até os dentes; os meios para isso se encontrarão. Ou se esqueceram que diariamente trabalhamos com poderosos explosivos? (...) Toda greve é um começo potencial da guerra civil, e a ela devemos ir devidamente armados. Nosso objetivo é vencer, e para isso não devemos esquecer que a burguesia conta com exército, polícia e bandos fascistas (...). Todos os sindicatos estão obrigados a formar piquetes armados com os mais jovens combativos. Os piquetes sindicais devem organizar-se militarmente*

³ Para encurtar este trabalho, cujo objetivo não é o exame do processo histórico global da Bolívia mas apenas a experiência histórica da COB, serei grosseiramente breve naquilo que fugir ao objetivo central.

⁴ “Massacre de Catavi: em 21 de dezembro de 1942 o Exército metralhou uma marcha que havia partido da mina Século XX para a localidade de Catavi [que fica a mais ou menos 5km de distância] onde estava a gerência. Morreram dezenas de operários, mulheres e crianças [mais de 400 mortos e de mil feridos]. O lugar da matança foi chamado de ‘Campo María Barzola’, que era o nome de uma mulher morta, que encabeçava a marcha com uma bandeira [boliviana]. O dia 21 de dezembro é recordado todos os anos como o ‘Dia do Mineiro’” (Revista Marxismo Vivo nº 8, PSTU, São Paulo, 2004, p. 61). Esta mina Século XX foi, segundo Omar de Barros Filho (*op. cit.*, p. 19) a maior planta concentradora do mundo, um formigueiro humano. 700km de galerias abertas com 80km de trilhos subterrâneos consumindo 30 mil quilowatts, muito mais do que o consumo de toda a Bolívia. Durante a 2ª Guerra Mundial, ficou acertado que a Bolívia deveria vender seu estanho aos EUA ao preço fixo de 42 centavos de dólar a libra fina. Ora, como metal estratégico para as guerras, o estanho subiu muito de preço mas continuou sendo vendido por 42 centavos. No ano de 1941, o Japão domina a Indonésia e a Malásia, ficando para os aliados, como único grande produtor, a Bolívia. Tal como aconteceu no Brasil no caso dos seringueiros amazônicos, os mineiros bolivianos experimentaram o máximo da exploração justificada pelo esforço de guerra. Vale dizer que Simon Patiño, um dos três grandes proprietários de minas na Bolívia, o maior deles, controlava também uma empresa *holding* que explorava minérios também na Indonésia e na Malásia. O “esforço de guerra” foi só dos mineiros que a um tempo abasteciam os exércitos aliados e diminuía os prejuízos do Sr. Patiño. Foi neste contexto que se deu o massacre de Catavi. Na associação de interesses entre a oligarquia boliviana e o imperialismo, as desvantagens da oligarquia eram jogadas literalmente nas costas dos mineiros.

(...). *Contra futuros massacres, militantes operários armados!*”⁵ Essas teses foram fortemente influenciadas pelos trotskistas agrupados no POR.

Um dos itens da *Tese de Pulacayo* determinava a organização de uma central operária: “ *A luta do proletariado necessita de um comando único. Necessitamos forjar uma poderosa CENTRAL OPERÁRIA*”.⁶

A luta de classes ganha intensidade. Provavelmente, algo em torno de 800 mineiros foram mortos pelas forças governamentais nos conflitos nas minas de Potosí (janeiro de 1947) e Cataví (maio e setembro de 1949). Em 1950, na cidade de La Paz, greve geral com forte participação de mineiros desempregados em 1947.⁷ Nada era capaz de segurar o movimento operário e popular boliviano, que além dos mineiros aglutinava os ferroviários (outro importante setor trabalhista com forte poder de pressão visto que sem o trem não há exportação de estanho) e toda uma variedade de trabalhadores do campo e da cidade.

Em abril de 1952, a evolução da luta de classes produz a Revolução. Os operários, os camponeses, o povo boliviano levanta-se em armas e derrota o exército regular, entregando o poder ao vacilante Paz Estenssoro, do MNR.⁸ Em 16 de abril é fundada a COB, agrupando todas as milícias operárias e todas as organizações operárias e camponesas da Bolívia.⁹ De fato, um órgão de poder dual, se é que podemos dizer que nesse momento havia qualquer outro poder firme além da própria COB, que naquela altura convertera-se num autêntico Poder Popular não limitado apenas a interesses operários mas de todo o povo boliviano.

⁵ Revista *Marxismo Vivo* nº 8, PSTU, São Paulo, 2004, p. 61.

⁶ FILHO, Omar de Barros, op. cit., p.30.

⁷ Os preços do estanho, principal minério da Bolívia, estão baixos no mercado mundial, provocando desemprego em massa e redução de salários para a manutenção da rentabilidade das minas.

⁸ Em resumo, em 1951, Víctor Paz Estenssoro ganha as eleições para a presidência da República prometendo a nacionalização das minas e reforma agrária. Um golpe militar procura evitar a sua posse mas é derrotado pelo povo boliviano em 1952. Paz Estenssoro é empossado.

⁹ Segundo a Revista *Marxismo Vivo* (op. cit., p. 51), a COB teria sido fundada em 16 de abril de 1952. Segundo Omar de Barros Filho (op. cit., p. 31) o correto seria 17 de abril de 1952.

Com todos os problemas, a COB até hoje opera como um “poder popular” que desafia o poder constituído. No exame de longa duração, há fatores de permanência que precisam ser estudados.

As duas fontes principais usadas neste trabalho são de natureza trotskista vulgar. Foram usadas como fontes primárias. Atribuem qualidades “às massas” impossíveis de serem alcançadas pela massa, a meu ver, mas somente por militantes portadores de teorias e métodos de transformação das sociedades de grande alcance e complexidade. Assim, nos explica Omar de Barros Filho (op. cit., p. 39), que merece um desconto porque não é historiador, é jornalista: “*A fundação da COB, no dia 17 de abril, foi uma tentativa das massas no sentido da superação das debilidades dos partidos que se reivindicavam marxistas leninistas. E destinariam a COB, reforçada pelos camponeses, o melhor de seus esforços.*”

Essa separação mecânica entre decisões da massa e decisões dos ativistas me parece equivocada, na medida em que a “massa”, no processo histórico, está misturada com a “vanguarda”, e vice-versa. Para que a “massa” decidisse qualquer coisa sem a influência da “vanguarda” seria preciso que a “vanguarda” se retirasse inteiramente do processo, deixando-a livre para decidir o seu destino. Isto é impossível de acontecer. A meu ver, qualquer decisão do movimento de massas sofre a influência de organizações de esquerda, de centro ou de direita que atuam neste mesmo movimento. O centro de toda a argumentação trotskista aqui reside no fato de que faltou – e tem faltado – ao movimento revolucionário boliviano, ontem e hoje, uma direção revolucionária. Ora, se a “massa” teve sabedoria para superar as “*debilidades dos partidos que se reivindicavam marxista leninista*” fundando a COB, então por que essa mesma “massa” conhecedora do marxismo-leninismo, sobretudo da teoria do partido de Lenin, não fundou também o seu próprio partido revolucionário? Esses argumentos não fazem o menor sentido. Escondem,

na verdade, uma incapacidade histórica dos trotskistas de conseguirem a confiança das “massas”. A questão é: as “massas” não fizeram a revolução em 1952, por não terem sido capazes de criar o seu partido revolucionário, ou os revolucionários organizados em partido não foram capazes de conduzir as “massas”? ... O que aconteceu na Bolívia é o que tem acontecido de há muito em toda a América Latina: os marxistas, ou os que *se reivindicam* marxistas, exigem das “massas” uma compreensão dos seus “objetivos históricos” quando – na verdade – são os “marxistas” que não compreendem a história dos objetivos das “massas”.

A COB nunca foi apenas uma organização sindical. Nunca foi só operária, embora seus objetivos fossem pautados prioritariamente pelos interesses operários. Camadas médias da população sempre participaram da COB assim como camponeses.¹⁰ É possível dizer, embora seja necessário melhor pesquisa, que a COB sempre representou a maioria da população boliviana.

Tantas singularidades quase empurrariam a COB para uma aspiração, um desejo pelo poder político. É quase que uma consequência do processo. Em 1952, tal poder esteve ao alcance de suas mãos. O exército havia sido derrotado, as milícias eram controladas pelo *Corpo Nacional de Milícias Armadas da Central Operária Boliviana*, com até 100 mil homens à disposição. Mas ainda não teria sido desta vez, e não entraremos no mérito.¹¹

Parece-me importante para a compreensão da influência da COB junto a amplos setores populares, a configuração do espaço geográfico (no sentido geográfico do termo)

¹⁰ Em 1979, o movimento camponês funda a poderosa Confederação Camponesa, que se filia à COB.

¹¹ Segundo a Revista *Marxismo Vivo*, “A revolução boliviana de 52 foi a maior, mais perfeita e clássica revolução operária que ocorreu depois da russa de 1917” (*op. cit.*, p. 58). De fato, as semelhanças são enormes: vanguarda operária, dualidade de poderes, destruição do exército regular, possibilidade de resolvê-la quase que pacificamente, apoio em massa dos camponeses... “A grande diferença foi a forma como o partido revolucionário agiu. Os bolcheviques exigiram que os soviets rompessem com o governo provisório burguês e tomassem o poder em suas mãos (...). O POR chamou a defesa do governo burguês” (*idem*, p. 54).

produzido e ocupado pelo modo de viver dos mineiros. Concentrados nas minas, concentrados nos lugares de moradia, rodeados pelo povo não-operário, são os mineiros os heróis de todo o povo, os únicos que podem enfrentar em pé de igualdade os opressores, impondo-lhes limites. Uma vitória dos mineiros é uma vitória de toda a comunidade, dadas as inter-relações entre todo o povo que gravita – ainda que não diretamente – em torno da economia mineira. Aumentos salariais para os milhares e milhares de mineiros é, indiretamente, aumento de renda para todo o povo via desenvolvimento de um mercado interno. Todos torcem pelos mineiros e se sentem representados por eles, querem ser como eles, querem participar também do movimento sindical deles. As categorias de trabalhadores de menor força política também sentem a mesma coisa – num grau superior, é claro. Ademais, nada mais lógico do que categorias fracas pretenderem aderir a movimentos fortes para incluir neles suas reivindicações específicas.

Nestas condições, o processo histórico “empurraria” a COB para outras missões não apenas sindicais: a função de Poder Popular alternativo ao poder constituído.

A COB foi e tem sido capaz de construir uma identidade de classe entre seus membros no confronto com seus alternos. É a construção da identidade de classe como produto do conflito com a alteridade de classe. É o povo que se sente povo *para si* na medida em que toma consciência do seu alterno: *a elite*. É a construção da identidade de classe por fatores externos e não endógenos.

Estaria na experiência da COB os indicadores fundamentais de uma nova teoria política para as classes trabalhadoras?...

SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA UNIDADE POLÍTICA DO POVO¹²

Ao contrário do que uma determinada lógica nos indicaria, os trabalhadores recuam em períodos de recessão ou de crise econômica, justamente nos períodos em que os salários atingem os seus mais baixos níveis. Por quê? Porque nas crises o desemprego campeia de tal forma que uma demissão em função de participação em greve pode representar anos de desemprego, já que a concorrência entre os trabalhadores aumenta. O “exército industrial de reserva” aumenta assustadoramente seus contingentes. É melhor um pássaro na mão do que dois voando, diz um ditado. É melhor pouco do que nada. Arriscar o emprego numa greve para ganhar um pouco mais pode ser perigoso.

O problema da atualidade é que o desemprego cíclico já não é mais conjuntural, é estrutural. Nestas novas condições históricas do mundo do trabalho, é preciso repensar o emprego da palavra “reserva”. Por ser estrutural, aqueles períodos de reaquecimento da economia capitalista que absorviam novamente os trabalhadores dispensados durante a crise já não operam como antes. Apenas uma parte dos que foram demitidos são reaproveitados. Os demais passam a integrar os contingentes “marginais” da economia, quer dizer, nunca mais farão parte do mundo formal de trabalho.

Acredito ser possível fazer uma comparação entre as curvas do desenvolvimento das forças produtivas – no campo e na cidade – e a redução dos movimentos grevistas. Poderíamos analisar – não mecanicamente, é claro – o emprego de máquinas, o número de trabalhadores tornados desnecessários por estas máquinas e os reflexos de ambos no sindicato correspondente. Seja como for, o fato é que as grandes greves – como as dos

¹² Não me atrevo aqui a conceituar “povo”. Exigiria uma discussão sobre classe, estrutura de classes e estratificação social para além das minhas possibilidades. Emprego a palavra “povo” pensando no senso comum que se tem sobre ela. Evidentemente, como parte de uma contradição, como tudo no mundo, podemos compreender melhor o seu significado observando o seu contrário, quer dizer, a “elite”: o latifúndio, os estamentos gerenciais nacionais e estrangeiros das transnacionais, o alto empresariado, os políticos profissionais que vivem a serviço de grandes interesses privados, os tecnocratas, o alto escalão das Forças Armadas, enfim.

metalúrgicos do ABC paulista no início da década de 1980 – já não se fazem presentes entre nós. Que há outros fatores de toda ordem atuando neste processo já o sabemos. Exemplo pode ser a CUT do Brasil, aparelhada pelo governo federal com a eleição de Lula para a presidência da República. Mas tais fatores são conjunturais. Prendo-me aqui aos fatores estruturais, de longa duração.

Mais raro ainda têm sido as greves gerais. Nelas é que podemos ver a potencialidade dos povos quando mobilizados para a defesa de interesses mais gerais, não apenas econômicos: um pacote econômico que atinge a todos os trabalhadores, o fim de uma ditadura militar, etc.

E aqui entramos no problema da falta de condições “subjetivas” para o enfrentamento desta nova realidade do mundo do trabalho. Não precisamos tratar aqui dos anacronismos e dos mecanicismos de nossas supostas vanguardas. Estão a olhos vistos. Aferradas a teorias explicativas extraídas de outros tempos e de outros espaços, nossas esquerdas estão teoricamente desarmadas para enfrentar o novo mundo do trabalho.

As sobras do campo e as sobras da cidade aglutinam-se nos grandes centros urbanos, configurando os bolsões de miséria de nossa América. Como organizá-las em sindicatos? Que sindicato seria este? Não podem mais fazer greves pois sequer possuem patrão. Estão politicamente mortas, **ainda que cheias de vida**. Como a “vanguarda da revolução é a classe operária”, a militância política de esquerda concentra suas atividades nos sindicatos, principalmente nos grandes sindicatos, aqueles que serão parte integrante – na futura sociedade socialista – de uma nova estrutura de poder. Esquecem-se, vale dizer, de que os trabalhadores quando entram numa luta o fazem para obterem *benefícios* e não *sacrifícios*.¹³ Somente quando já nada mais há para se perder é que os trabalhadores

¹³ Comentário colhido em aula. Faz muito sentido.

arriscam tudo. Quando ocorre, a palavra *reforma* dá lugar à palavra *revolução*. Fora isto, o que imprime o ritmo dos trabalhadores é a cautela.

Será que estariam errados? Penso que não. Errados estão aqueles que exigem dos trabalhadores um grau de compreensão e consciência políticas inatingíveis num mundo em que a extrema divisão social do trabalho opera como um gigantesco obstáculo para a compreensão das partes, da conexão entre as partes e do todo dialético de nossas complicadas sociedades capitalistas.

As populações não integradas à força regular do mundo do trabalho - vale dizer, as mais oprimidas - não são atingidas pelas organizações trabalhistas tradicionais. Sequer são merecedoras da atenção de nossas “vanguardas”. Não entram no cálculo político das revoluções projetadas, possíveis e necessárias, como nos diria Darcy Ribeiro, embora constituam a maioria de nossos contingentes populacionais.¹⁴

O mundo do trabalho nunca mais será o mesmo. Tem razão o mega-empresário Antônio Ermírio de Moraes, dono do grupo Votorantim, quando afirma que aquele que não se qualificar estará fora definitivamente do mercado de trabalho.¹⁵

¹⁴ “As camadas marginalizadas não contam com organização alguma de defesa de seus interesses, mesmo porque suas condições de trabalhadores ocasionais nem sequer lhes propicia uma base física para formular reivindicações coletivas. Esta falta de organização e esta incapacidade de autodefesa das massas marginalizadas faz com que, dentro de sistemas competitivos como o são as estruturas sociais classistas, elas tendam a ser, além de deserdadas, cada vez mais espoliadas. Assim é que, na disputa pela redistribuição de cada acréscimo da renda nacional, suas possibilidades de aumentar a ínfima parcela que lhes cabe são praticamente nulas em relação ao poder de apropriação das camadas integradas no sistema. Em muitos casos, o próprio operariado, graças às suas organizações sindicais, capacita-se não só a defender a parte que já usufrui mas a ampliá-la desproporcionalmente, em prejuízo do campesinato e, sobretudo, das massas marginalizadas.” RIBEIRO, Darcy, *O DILEMA DA AMÉRICA LATINA*, Vozes, Rio de Janeiro, 1983, p. 82.

¹⁵ Há um discurso corrente de que o desemprego é fruto de uma desqualificação de nossos trabalhadores. Daí a explosão de cursos profissionalizantes (informática e etc.), uma indústria que se nutre de uma falsa esperança de que uma vez qualificado, o trabalhador conseguirá novamente – ou pela primeira vez – ingressar no mundo formal do trabalho. Qualquer observador superficial pode constatar que o problema do desemprego não reside na desqualificação da massa trabalhadora, pois que o diga o número de formandos que são entregues anualmente pelas universidades, pelas escolas técnicas públicas e particulares, que ficam por aí vagando sem rumo. O problema, que o Sr. Antônio E. de Moraes nunca irá dizer, é que – por mais esquisito que possa parecer – o desemprego existe por falta de empregos. O sistema capitalista, na atual fase do seu desenvolvimento, elevou - numa escala nunca antes vista - a sua capacidade de produzir desempregados, quer dizer, de produzir marginalizados. É uma contradição para a qual toda medida paliativa é inócua e toda medida curativa (crescimento econômico) aponta na direção contrária ao próprio modo de vida capitalista. Dito de outra forma, aponta na direção do socialismo, seja ele evolutivo, seja ele

Portanto, a procura de novas estratégias que sejam capazes de combater os efeitos políticos do desemprego estrutural, quais sejam, o enfraquecimento do movimento sindical, a conversão de salários baixos em salários miseráveis, a marginalização também política dos setores marginais, enfim, são vitais para o futuro dos povos. Inclusão política de todo o povo, e não apenas dos sindicalizados, é o que se busca aqui.

Para tanto, o estudo do mundo do trabalho deve ser ampliado – como tão bem indicaram alguns textos do curso – para o estudo do mundo dos trabalhadores.

Quando, no exemplo da greve dos bancários, um aposentado ou um estudante ou um morador ou um desempregado ou um cidadão qualquer do povo participa de um piquete na porta de uma agência bancária, **os efeitos do desemprego estrutural não exercem influência sobre os mesmos**. O que pode perder um desempregado ao fazer parte de um piquete na porta de um banco? Sim, a polícia pode aparecer, pode haver problemas outros, mas sabemos que historicamente os mecanismos de coação estatal são inoperantes quando todo o povo se mobiliza e participa ativamente de suas lutas.

Cada novo confronto, cada nova mobilização de qualquer outra categoria, ou de estudantes, ou de moradores, ou de sem-tetos seriam aulas práticas em que o povo se educaria, percebendo-se a si mesmo sobretudo em relação a seus alternos, a seus oponentes, a força da sua ação coletiva, a importância da unidade de todo o povo, **a construção de uma identidade até então despercebida**, a percepção de que são parte integrante de uma parcela majoritária da população e que se opõe a uma parcela minoritária, egoísta e antipopular: a elite. Um por todos e todos por um! diriam os Três Mosqueteiros. Antes, um povo *em si*; no futuro, um povo *para si*.

Francamente, não vejo outra saída para o movimento sindical e popular. Devemos aprender com nossas classes dominantes que sempre atuaram unidas, coesas quando o que

revolucionário, assuma esta direção a forma nacional-estatista, não importa, já que “crescimento

estava em jogo eram os seus destinos. Devemos e podemos aprender com as lutas de classe travadas pelas classes dominantes, como nos ensina DREIFUSS.¹⁶ Mas também devemos e podemos aprender com as lutas de classe das classes dominadas, e por isso o interesse pela COB. Os movimentos das classes dominantes são bem mais fáceis de serem previstos, pois seus interesses se resumem na acumulação de capital. Os movimentos dos subalternos e oprimidos já não o são, pois trata-se aqui – consciente ou inconscientemente – da construção de algo diferente do capitalismo, de uma nova sociedade que ninguém sabe ao certo exatamente como fazê-la. Portanto, não desprezando os estudos sobre as ações das classes dominantes (nem pensar nisso!), mais importante – ou tão importante – é estudar aqueles que serão (eu espero) os construtores da nova sociedade.

COMENTÁRIOS FINAIS

Na atual e extraordinária etapa do seu desenvolvimento, o sistema produtivo capitalista tem conseguido poupar mão-de-obra como nunca se pensou possível.¹⁷ Os filmes de ficção científica que projetam para o futuro a revolta não mais dos trabalhadores mas das máquinas inteligentes contra os humanos têm uma base lógica.

A contradição que podemos projetar é a existência de gigantes populacionais excluídos do sistema produtivo e uma pequena parcela da humanidade desfrutando das vantagens oferecidas pelas revolucionárias inovações tecnológicas, grosso modo.

econômico” pressupõe maior capacidade competitiva, portanto, mais máquinas, mais desempregados.

¹⁶ Ver DREIFUSS, René Armand, *1964: A CONQUISTA DO ESTADO. AÇÃO, PODER E GOLPE DE CLASSE*, Vozes, Rio de Janeiro, 1981. “É importante salientar que as capacidades organizacionais desempenham um papel fundamental na compreensão da luta de classes e da mudança social, porque é uma luta pelo próprio ‘vir-a-ser’ de classes organizadas, e não entre classes organizadas. (...) O que ocorreu no Brasil em 1º de abril de 1964 revelou que o fato mais óbvio e, no entanto, talvez o mais negligenciado, diz respeito à noção de luta de classes. De acordo com Ralph Miliband, ‘supondo-se que seja ignorada a concepção de que luta de classe é o resultado de propaganda e agitação ‘extremistas’, permanece o fato de que a esquerda tende para uma perspectiva pela qual a luta de classes é travada pelos trabalhadores e pelas classes subordinadas contra as dominantes. Claro que é isso^(...). Mas a luta de classe também significa e, sempre significou, antes de mais nada, a luta travada pela classe dominante, e pelo Estado agindo em seu nome, contra os trabalhadores e as classes subordinadas. Por definição, a luta não é um processo unilateral mas convém enfatizar que ela é ativamente travada pela classe ou classes dominantes e, **sob muitos aspectos, com mais eficiência do que a travada pelas classes dominadas.**” (pp. 488-489. O último grifo é meu).

É claro que toda contradição encontra a sua solução, em nosso caso, explosões espontâneas de descontentamento e/ou revoluções conduzidas por novos projetos de reordenamento das sociedades. Não é difícil prever isso. É quase que óbvio. Quando, como e onde ninguém sabe. E aqui reside a importância dos estudos que armem **politicamente** os povos contra o capitalismo.

Talvez Marx volte a estar certo quando previa que o socialismo vingaria primeiro nos países capitalistas mais desenvolvidos, pois o que hoje assistimos são revoltas nos centros metropolitanos como resultado – dentre outros - da transferência de unidades produtivas para regiões do globo em que o preço da força de trabalho é medíocre quando comparado ao que se paga nas metrópoles. Vão as fábricas, ficam os desempregados. Se antes os centros exportavam a revolução, hoje parece que a revolução está retornando aos centros. Sabemos que países como a França, por exemplo, experimentaram estados de bem-estar social que permitiram às suas populações elevados níveis de conforto e educação, portanto, elevados patamares de exigências e potencialidades de organização para a luta.

Lenin estaria errado quando polemizava com Trotski sobre a possibilidade de a revolução ser vitoriosa num só país, num elo mais fraco.¹⁸ Trotski estaria correto ao defender a revolução permanente, ao defender que o capitalismo só poderia ser derrotado mundialmente. Na longa duração, a Revolução Russa não sobreviveu, e por quê? Diria Trotski, porque ela não pode ser vitoriosa sem se expandir para todo o mundo – sobretudo o desenvolvido. De fato, enquanto houver preços e enquanto os preços do mercado

¹⁷ No tempo em que eu era bancário, todos comentavam – em tom de brincadeira – que no futuro o caixa do banco seria um robô. E não é que hoje há filas para serem atendidas por um caixa eletrônico!...

¹⁸ Sejamos justos para com Lenin, que era internacionalista. Sacrificaria a Revolução Russa se a revolução na Alemanha vingasse. Mas não vingou... O que fazer? Entregar – em nome de uma análise de longa duração – a Revolução Russa à reação? Claro que não! Então, já que estamos aqui, isolados do mundo (imagino Lenin dizendo isso) com uma Revolução Socialista vitoriosa num país atrasado, ao contrário do que previa Marx, que me perdoe Marx, mas devemos seguir em frente e levar esta aventura – no sentido revolucionário do termo, como nos ensina o nosso juvenil autoritário e democrático professor Daniel Aarão – até as últimas consequências.

mundial forem decididos por interesses capitalistas, o intercâmbio desigual continuará sufocando nações que optaram por viver de modo diferente, como Cuba. Somente um comércio ou um intercâmbio mundial regido por uma outra lógica que não a do lucro eliminará o desenvolvimento desigual e combinado das nações.

O tempo é curto. O planeta Terra talvez não suporte por muito tempo o desgaste ecológico provocado pelo capitalismo. As projeções são dramáticas: faltará água nos próximos 25 anos para grandes regiões do globo, incluindo a Europa.¹⁹ O aquecimento global projeta a elevação do nível do mar capaz de inundar cidades costeiras inteiras, e boa parte da humanidade vive em litorais. As catástrofes “naturais” como os furacões já estão aí por toda a parte. Se todas essas previsões forem confirmadas, exigirão grandes deslocamentos de populações, maior concentração nas áreas não atingidas, desorganização estatal, fome e epidemias poderão se alastrar por toda parte, o caos.

Estaremos passando por um mesmo processo histórico, mas num grau superior. Lembremos que a crise do século XIV na Europa foi produto, dentre outros, de um forte desequilíbrio ecológico provocado pelos arroteamentos predatórios que produziram um desequilíbrio geo-climático, chuvas torrenciais que devastaram os campos, destruíram colheitas inteiras, empobrecendo ainda mais os servos. Estes, por sua vez, se revoltariam contra os seus senhores cuja renda feudal atingida lhes compelia à desmedida exploração do campesinato. O que veio depois já sabemos. O que nos aguarda ainda é difícil saber.

As tragédias que o presente século anuncia podem ser evitadas desde que a História seja benevolente conosco e sincronize crises nas metrópoles com crises nas periferias de tal forma que a burguesia imperialista se veja obrigada a decidir: entregar as armas e tentar salvar a pele ou explodir tudo. Apostando na covardia dos vermes, como diria Che Guevara, podemos vislumbrar um Novo Mundo.

Para tanto, a construção de teorias explicativas e estratégias políticas que municiem os agentes da mudança na direção correta faz-se necessário. Nunca a humanidade, ainda que não saiba, dependeu tanto do intelectual revolucionário como antes. Neste sentido, muito mais do que a coragem de enfrentar o dragão de armas em punho – o que não exige grandes sacrifícios a não ser a vida – é o esforço, a despeito de todas as dificuldades de toda ordem, em se dedicar exaustivamente à procura da “fórmula” política que ilumine a luta dos povos contra a catástrofe possível. A humanidade está perdida. Uma boa “estante”, mesa e cadeira, disposição e compromisso para a pesquisa, livre pensamento e criatividade levada às últimas conseqüências, papel e caneta constituem – hoje – os fuzis que outrora nossos aguerridos guerrilheiros latino-americanos portavam em nossas “Sierras Maestras”. Como diria um mestre: sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário.

Enganam-se aqueles que pensam que as revoluções só se fazem com as armas. Enganam-se aqueles que pensam que ficar horas e horas, noites e dias, no estudo “teórico” das sociedades, na formulação de teorias, não são revolucionários. Enganam-se aqueles que pensam que a socialização deste conhecimento, seja numa escola, seja numa universidade, seja em qualquer lugar, não atinge os lugarejos mais longínquos, não produzem efeitos significativos, não municiam as gerações para a luta. As idéias e a sua difusão são como aquelas cartas dos náufragos perdidos numa ilha deserta, cartas colocadas numa garrafa e jogadas ao mar, na esperança de que um dia serão encontradas e usadas por alguém, sabe-se lá onde, sabe-se lá quando, sabe-se lá como...

Enganam-se porque são puros.

Evandro de Oliveira Machado
Em 22 de julho de 2006

¹⁹ Ao exportarmos produtos primários cuja produção consome muita água, estamos exportando água. Como a água tem hoje valor, continuamos exportando produtos primários, sendo a água um destes produtos embutida na produção de também produtos primários.